

Além da Lama: placas comerciais como objeto de pesquisa em coordenadas de situação fotográfica¹

Julio Cezar Pereira Peres²

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A partir da fotografia *Lama*, obtida do acervo fotográfico de Haruo Ohara (1909-1999), que aparece no site do Instituto Moreira Salles – IMS acompanhada de coordenadas de situação – espaço e tempo – imprecisas, este trabalho experimenta o uso de indicativos escritos em placas de estabelecimentos comerciais que estão aparentes na imagem como objeto de análise para se identificar o local exato da captura e para uma verificação aproximada do ano de tomada do registro. A metodologia utilizada se mostrou eficiente na localização e concluiu que a data do registro conforme publicada em algumas plataformas se encontra equivocada. Utiliza-se os aportes teóricos de Boni (2014), Kossoy (2007), entre outros.

Palavras-chave: Fotografia urbana; Coordenadas de situação fotográfica; Haruo Ohara; Londrina; Elementos textuais em fotografia.

“Exercício fascinante é o de devolver aos rostos e cenários perdidos sua identidade, sua localização, sua referência, resgatando assim a substância documental às representações fotográficas [...]”.

Boris Kossoy

Introdução

É situação comum que diante de uma fotografia antiga, feita em uma cidade a que julgue conhecer, o espectador tente identificar, na imagem, elementos de seu repertório para chegar a respostas precisas sobre aquela localização. Mas nem sempre essa atividade logra êxito. Como é sabido, os lugares são passíveis de transformações e quanto mais distante a fotografia estiver da época em que foi captada, “mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas” (KOSSOY, 2012, p.31).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comércio e Arquitetura, do Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cidades - COMCID, realizado no dia 04 de outubro de 2018.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Capes. E-mail: julio.cezar.peres@hotmail.com.

Quando a fotografia está acompanhada de elementos textuais como título, legenda, nome do autor, data e local onde foi realizada, as dúvidas acerca da localização são estreitadas, porém nem sempre são suficientes para a exatidão da informação. No caso aqui estudado, a fotografia está acompanhada do nome da rua em que foi feita, porém se trata de uma rua extensa e antiga da cidade, com edificações semelhantes em seu percurso.

Partindo de uma fotografia captada por Haruo Ohara, exposta no acervo do fotógrafo contido no site do Instituto Moreira Salles, a qual contém algumas informações imprecisas de localização, este trabalho tem o objetivo de experimentar o uso de indicativos escritos em placas de estabelecimentos contidas na imagem, que, de acordo com as informações do site, data do ano de 1950 e captada na Rua Brasil, como objeto de investigação iconográfica para se chegar a sua localização exata.

Para tanto, este estudo parte de uma análise iconográfica – metodologia onde, segundo Kossoy (2007, p. 46), busca-se, no registro fotográfico, “detectar seus elementos constitutivos (fotógrafo, assunto, tecnologia) e suas *coordenadas de situação* (espaço, tempo)”.

Londrina, a fotografia e Haruo Ohara - ruas que se cruzam

Londrina tem como uma de suas particularidades na fotografia, o que Boni³ (2014, p.21-41) chama de “dois lances de sorte”. Trata-se dos motivos que levaram a cidade a ter um amplo acervo fotográfico do seu desbravamento e início da colonização. Para o autor, a grandeza desse acervo pode ser considerada quando comparada a dos acervos do início de cidades⁴ de trajetórias mais recentes, quando as facilidades para a captura fotográfica eram mais propícias.

O primeiro lance de sorte, segundo Boni, está ligado às investidas da agência colonizadora do município e região, a Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, que utilizou a fotografia como meio de divulgar a fertilidade do solo para a agricultura, assim como seu potencial de desenvolvimento urbano do município, com o objetivo de vender lotes de terra. Desse lance de sorte, são destacados os fotógrafos Theodor Preising, fotógrafo Alemão itinerante que percorreu alguns

³ Doutor em Comunicação, professor e um dos principais pesquisadores e entusiastas da pesquisa em fotografias relacionadas à colonização do Norte do Paraná, onde Londrina está inserida.

⁴ “Alguns municípios do Norte do Estado de Mato Grosso, como Alta Floresta, Colíder, Santa Carmem, Sinop e Sorriso, por exemplo, cerca de 40 anos mais jovens que Londrina, possuem muito menos documentos iconográficos de seus primórdios” (BONI, 2014, p.39).

estados⁵ brasileiros fotografando; Hans Kopp – austríaco, radicado no Brasil; e José Juliani, pioneiro em Londrina vindo da cidade de Nova Europa (SP).

Já o segundo lance de sorte,

[...] foi a vinda de imigrantes no início do processo de colonização. Normalmente fugindo da pobreza, perseguições étnicas ou religiosas, ou de conflitos em seus países de origem, esses imigrantes chegavam com qualificação profissional para o exercício de ofícios específicos, entre eles o de fotógrafo. Graças a essas pessoas, serviços fotográficos foram uma constante em Londrina desde o início da cidade. (BONI, 2014, p.40)

Desse lance de sorte são destacados os fotógrafos Carlos Stender (alemão), que segundo Boni (2004, p.270), “na prática, montou o primeiro estúdio de Londrina”, o Foto Estrela; Suejiro e Yutaka Yasunaka (japoneses), que deram sucessão ao Foto Estrela; Mineso Matsuo (japonês) que montou o Foto Nippon; dentre outros.

Contudo, em se tratando de imigrantes em Londrina, um fotógrafo que conquistou destaque nacional⁶ foi Haruo Ohara. Nascido no Japão em 1909, imigrou no Brasil em 1927, aos 18 anos. Seduzidos pelas propagandas de agências de imigração que tratavam o Brasil como uma terra de promessa por conta do café, Haruo, seus pais, avós e irmãos logo passaram a trabalhar na produção cafeeira no estado de São Paulo. Em 1930, seu pai, Massaharu Ohara, adquiriu da Companhia de Terras Norte do Paraná um lote agrícola em Londrina, para onde se mudou com a família em 1933.

Lavrador, Haruo Ohara não chegou a Londrina sabendo fotografar, como os imigrantes citados anteriormente. Após alguns anos de trabalho na agricultura, adquiriu sua primeira câmera do fotógrafo José Juliani, que lhe “deu as primeiras instruções de como fotografar, revelou seus negativos, fez as cópias e ofereceu uma amizade duradoura” (IVANO e LOSNAK, 2003, p.66).

A primeira fotografia de Ohara, segundo Ivano e Losnak (2003, p.67), data de 1938 – “Retrato de Kô”, em que ele registrou sua esposa. E seguiu registrando fotograficamente seu cotidiano como homem do campo, suas fartas colheitas e também suas perdas – como podem ser percebidas em algumas fotos que tratam da geada da década de 1940.

⁵ Grativol (2011, p.69) destaca que foram identificadas fotografias de Preising produzidas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

⁶ O editor do blog Sobre Imagens – da Revista Veja, Alexandre Belém, em 2012, descreveu o acervo de Haruo Ohara como “um dos mais importantes acervos da fotografia brasileira”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/brasileiros/haruo-ohara/>>. Acesso em 18 set. 2018.

Haruo Ohara e o desenvolvimento urbano de Londrina em 1950 – entre a lama e o calçamento

Kossoy (2012, p.22) diz que para alcançarmos o potencial informativo das fotografias, assim como dos demais documentos, temos que contextualizá-las na trama histórica, nos aspectos sociais, políticos e econômicos, dentre outros; e que “caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações ‘artísticas’ do passado”. Sendo assim, é prudente que aqui se registre alguns aspectos da Londrina de outrora, da época em que o registro fotográfico foi captado.

Até pelo menos 1950, Londrina era um município majoritariamente rural, com 52,07%⁷ da população vivendo no campo, porém com um crescimento urbano acelerado. Foi em 1950 que Haruo Ohara passou a habitar na zona urbana – mais de uma década após sua primeira foto. O acervo do fotógrafo, que se manteve amador do início ao fim da vida, mostra, em parte, o cotidiano do homem do campo. Mas, também mostra a vida na cidade do ponto de vista do homem recém-chegado da zona rural.

No ano de 1950, segundo Coutinho (1959, p.56), a cidade teve 41.78,77m² de calçamento de paralelepípedos, um *boom* quando relacionado aos anos anteriores, desde 1943. O ritmo de construções prediais na cidade, segundo o mesmo autor, também seguia um ritmo acelerado. Naquele ano foram erguidos 850 prédios, totalizando 83.49,13m² de área construída – também a maior quantidade quando comparada aos anos anteriores, desde 1941. Um daqueles prédios era a casa da família Ohara, ainda existente e sita na rua São Jerônimo.

Do macro ao micro – trajeto da escolha do corpus estudado

O acervo de Haruo Ohara se encontra no Rio de Janeiro desde 2008, sob cuidados do Instituto Moreira Salles – IMS. Segundo dados do site⁸ do IMS, o acervo

[...] é composto por cerca de oito mil negativos em preto e branco, dez mil negativos coloridos, dezenas de álbuns e centenas de fotografias de época, além de equipamentos fotográficos, documentos pessoais, objetos, diários e livros. O conjunto permite um estudo aprofundando [sic] da obra e do tempo de Haruo Ohara, o imigrante e pequeno agricultor de Londrina que é considerado hoje um dos fotógrafos mais expressivos do Brasil.

⁷Fonte: IBGE - Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000. Organização dos dados: PML/SEPLAN/Gerência de Pesquisas e Informações. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=163&Itemid=66>. Acesso em 20 set. 2018.

⁸ Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/haruo-ohara>>. Acesso em 28 set. 2018.

Desses cerca de oito mil negativos em preto e branco, 182 imagens do autor estão digitalizadas e expostas no site da instituição dedicado a acervos fotográficos⁹. Dentro dessa coleção, podem ser percebidos alguns aspectos importantes da obra do autor, como a repetição de capturas acerca de um mesmo assunto, com algumas modificações, o que gera leituras diferenciadas. A exemplo disso pode-se ter duas fotos intituladas no site como “A seca”, datadas de 1959 (FIGURAS 1 e 2).

FIGURA 1 - A Seca (1959)



Fotografia: Haruo Ohara

Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles

⁹ Disponível em: <fotografia.ims.com.br>. Acesso em: 26 set. 2018.



FIGURA 2 - A Seca (1959)



Fotografia: Haruo Ohara

Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles

A fotografia intitulada “Lama”, no acervo *on-line*, apresenta duas coordenadas acerca da imagem, uma espacial: a cidade em que foi realizada – com o indicativo da respectiva rua; e outra temporal: o ano em que foi produzida. Conforme quadro apresentado adiante (FIGURA 3).

FIGURA 3 – Quadro de informações da fotografia *Lama*

51 / 182

Find Similar Files

CATEGORIES

Click one of the categories below to close the window and find files that share the selected category.

COLEÇÕES DO ACERVO Diurna Externa

Verificado OHARA, Horizontal, Pessoas

Use in Social Media

030HO013401

Ohara, Haruo
Lama

1950
Rua Brasil

Londrina
PR
Brasil
Negativo flexível
1: 6 x 9 cm
Gelatina/ Prata
P&B
HARUO OHARA, Horizontal, Pessoas, Diurna, COLEÇÕES DO AC I
Instituto Moreira Salles
Requer liberação de direitos de imagem junto ao detentor indicado no Copyright

Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles

Porém, mais de seis décadas distanciam a realidade registrada na imagem da atualidade. E, como dito anteriormente, a partir de 1950 a cidade vivenciou um *boom* de construções prediais, o que veio a configurar novos cenários. Na imagem apresentada, juntamente com as informações contidas no site, não permitem, à primeira vista, a identificação do local onde a fotografia foi feita.

Transitando pelo site, é possível encontrar outra imagem (FIGURA 4) com o mesmo título – “Lama”, seguindo a tendência de repetir propostas, feita de um outro ângulo, na qual é possível visualizar placas de casas comerciais. E é a partir destes elementos que aqui se busca identificar o local onde se deu o registro da cena estudada.



FIGURA 4 – *Lama*. Rua Brasil, Londrina, 1950

Fotografia: Haruo Ohara

Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles

Nesta, podem ser lidos, nas placas do lado esquerdo da cena, ao se ampliar a imagem: “Tapeçaria Modelo, serviços de estofamentos, moveis e capotas para jeep” e ainda, “Oficina-Prado, consertos em geral”. São esses escritos o ponto de partida desta investigação.

Abrindo caminhos: metodologia utilizada

Como procedimento metodológico, esta pesquisa se utilizou da análise iconográfica, que para Kossoy (2012, p.58), tem por meta, dentre outras coisas, reconstituir o processo que originou o documento fotográfico e, “assim, determinar os elementos que concorreram para sua materialização



documental (seus elementos constitutivos: assunto, fotógrafo, tecnologia) em dado lugar e época (suas coordenadas de situação: espaço, tempo)”. Como já citado, a fotografia estudada possui alguns desses dados. Assuntos registrados, autoria da representação e tecnologia empregada, por exemplo. O quesito “época ou data aproximada da obtenção do registro” também é contemplado nas informações dispostas na fonte pesquisada. Porém a coordenada de espaço/localização é imprecisa e, portanto, o objeto de investigação deste trabalho. Associou-se a esse método, a metodologia do uso da fotografia como disparadora do gatilho da memória, proposto por Boni (2017). Esta metodologia, desenvolvida no Grupo de Pesquisa *Comunicação e História* da Universidade Estadual de Londrina, alia à investigação histórica de fotografias a história oral.

Para solucionar a questão, partiu-se de uma pesquisa no site de buscas Google, onde foram pesquisados os nomes dos estabelecimentos contidos nas placas – “Tapeçaria Modelo” e “Oficina-Prado”, na cidade de Londrina. Foram obtidos resultados para apenas um dos títulos buscados, a Tapeçaria Modelo. Porém esta não estava endereçada na Rua Brasil como a que se apresenta na imagem fotográfica.

A Tapeçaria Modelo (FIGURA 5) que se alcançou na pesquisa, está localizada na Avenida Duque de Caxias. Ainda nesta investigação, foi pesquisado o contato telefônico da empresa, para que através deste, fosse investigado se a empresa é a mesma que funcionava na Rua Brasil como registrado pelo fotógrafo.

FIGURA 5 – Captura de tela da página do Google onde se registra dados da Tapeçaria Modelo



Disponível em: <https://goo.gl/LzsojG>

Ainda nesta investigação, foi pesquisado o contato telefônico da empresa, para que através deste, fosse investigado se a empresa é a mesma que funcionava na Rua Brasil como registrado pelo fotógrafo. Através deste canal de comunicação, foi informado pelo atual proprietário da empresa, o senhor Adão, que já existiu na Rua Brasil uma tapeçaria com o mesmo nome, a qual funcionou no prédio de número 566, onde hoje funciona a oficina de radiadores São Carlos (FIGURA 6). Também foi informado pelo senhor Adão que o proprietário da tapeçaria na época em que funcionou na Rua Brasil era “José Ontivero”.

FIGURA 6 – Radiadores São Carlos. Rua Brasil, Londrina, 2015



Imagem: © 2016 Google

Fonte: Google Street View

Em uma busca pelo nome “Ontivero” no site de busca Google, seguido das palavras-chave “Tapeçaria Modelo” e “Londrina”, chegou-se a uma página em que apresentava a Razão Social da empresa, porém com o nome de dois sócios, um homem e uma mulher, tendo esta o sobrenome “Ontivero”. Buscando pelo nome da sócia em redes sociais, não se chegou a nenhum resultado. Quando pesquisado sobre o a palavra “Ontivero” seguida da palavra-chave “Londrina”, chegou-se à página¹⁰ da empresa Brasília Telecom que conta um resumo da história da empresa e de seu fundador, Francisco Ontivero, irmão de José Ontivero – que fora dono da Tapeçaria Modelo na época de tomada da fotografia. Em tentativa de contato com membros da família por meio de redes sociais, se chegou a Marcelo Ontivero, filho de Francisco e sobrinho de José Ontivero, por meio do qual foi agendada uma pequena entrevista com o proprietário da empresa que aparece na imagem estudada.

¹⁰ Disponível em: <http://brasiliatelecomlda.com/n%C3%B3s>. Acesso em: 14 set. 2018.

Neste ponto da pesquisa foi apresentada ao senhor José Ontivero – conforme sugere a metodologia do uso da fotografia como disparadora do gatilho da memória – a fotografia aqui investigada e lhe foi questionado sobre as informações que aqui se buscou responder. O mesmo contou um pouco da história de sua loja e confirmou o endereço informado pelo senhor Adão. Destacou que, para abrir a loja, fora emancipado por seu pai aos dezoito anos, pois na época a emancipação civil se dava a partir dos 21 anos. Tendo nascido no ano de 1936, abriu a loja no ano de 1954. Com relação à placa da oficina vizinha de sua loja, a Oficina Prado, informou que o proprietário fora um mineiro de nome Onofre Prado, o qual abriu tal loja pouco tempo depois da instalação da tapeçaria. Lembrou ainda que à época, a Rua Brasil se chamava Rua Amapá, a qual se estendia até onde hoje está localizada a Avenida Juscelino Kubitschek – à época, Rua Jacarezinho.

Rua Brasil entre lama e placas: algumas considerações

A partir da metodologia utilizada na presente pesquisa e dos referenciais teóricos que a sustentam, afirma-se que as placas de estabelecimentos comerciais presentes na fotografia *Lama*, de autoria do fotógrafo Haruo Ohara foram fundamentais para se chegar às suas coordenadas de situação.

A fotografia, que se apresenta no site do Instituto Moreira Salles como tendo sido captada na Rua Brasil teve seu ponto exato definido, o que, em pesquisas futuras, pode servir para traçar comparativos de mudanças ocorridas no local com o passar dos anos. Concluiu-se que a fotografia não pode ter sido produzida antes do ano de 1954, como anuncia o site da instituição, já que só a partir do referido ano que a Tapeçaria Modelo, a qual aparece em uma das placas visíveis na fotografia, passou a existir; um erro que pode ser mudado no site, mas que já havia sido

Cabe salientar que o método de utilização de placas como ponto de partida em pesquisas de coordenadas fotográficas vem se mostrando satisfatório quando aplicados em fotografias de décadas recentes, como demonstra um outro artigo deste autor (PERES, 2018), orientado pelo professor Dr. Paulo César Boni, em uma outra fotografia de Haruo Ohara, na qual se acreditava ter sido feita na cidade de Londrina, revelou-se equivocada, já que os indícios das placas, a partir das metodologias científicas utilizadas, apontaram pra sua produção em Rolândia/PR.

Referências

BONI, Paulo César. Dois “lances de sorte” na relação de Londrina com a fotografia. In: BONI, Paulo César (org) **Retratos da cidade**: o uso da fotografia para a recuperação de fragmentos históricos de Londrina. Londrina: Midiograf, 2014. p.21-41.

_____. **Fincando estacas!**: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

_____. O uso da fotografia como disparadora do gatilho da memória: uma proposta metodológica para auxiliar o processo de recuperação e preservação da história. In: DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho P. de; BARROS, Laan Mendes de; COSTA, Mária R. da (Org.). **Imagem e conhecimento**: que relação é essa, afinal? Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

COUTINHO, H. Puiggari. **Londrina, Estado do Paraná**: 25 anos de sua história. São Paulo: Epigraf, 1959.

GRATIVOL, Kariny. **Viajante incansável**: trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising. 2011, 158p., dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KOSSOY, Boris. **São Paulo, 1900**: imagens de Guilherme Gaensly; análise e interpretação de Boris Kossoy. São Paulo: Kosmos, 1988.

_____. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LOSNACK, Marcos. IVANO, Rogério. **Lavrador de Imagens**: uma biografia de Haruo Ohara. Londrina: S.H. Ohara, 2003.

PERES, Julio Cezar Pereira. Placas Comerciais como ponto de partida em pesquisa fotográfica: as coordenadas de situação na fotografia Cena de Rua, do fotógrafo Haruo Ohara. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Joinville, 2018. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0747-1.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.